



**CORPOS, GÊNEROS E SEXUALIDADES EM MEIO AO CAOS:
(SOBRE)VIVÊNCIAS EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Dilton Ribeiro Couto Junior (UERJ)¹
Leandro Teofilo de Brito (UFRJ)²
Ivan Amaro (UERJ)³
Jonas Alves da Silva Junior (UFRRJ)⁴

O dossiê temático “Corpos, gêneros e sexualidades em meio ao caos: (sobre)vivências em tempos de pandemia” buscou organizar trabalhos voltados para uma reflexão sobre os efeitos sociais da pandemia da COVID-19 em articulação com as questões de gênero e sexualidade. A intenção foi de apresentar um panorama de textos de diferentes áreas do conhecimento e que abarcassem perspectivas teórico-metodológicas distintas para fomentar discussões focalizadas principalmente na constituição de nossos corpos, gêneros e sexualidades em tempos de reconfigurações sociais desencadeadas pela pandemia da COVID-19.

No Brasil, nos primeiros dois anos da pandemia tivemos que aprender a enfrentar o vírus SARS-CoV-2; o desafio foi maior ainda porque nosso contexto social foi pouco favorável para enfrentar com responsabilidade a pandemia. Em muitas ocasiões assistimos com temor um presidente que banalizava a COVID-19, ironizava as vidas perdidas, agredia repórteres,

¹ Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da UERJ. Bolsista do Programa de Incentivo à Produção Científica, Técnica e Artística – Prociência FAPERJ/UERJ (2021-2024). E-mail: junnior_2003@yahoo.com.br

² Professor Adjunto da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Vice-líder do Grupo de estudos sobre Diferença e Desigualdade na Educação Escolar da Juventude (DDEEJ-UERJ). E-mail: teofilo.leandro@gmail.com

³ Professor Associado da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da FEBF/UERJ. Líder do Núcleo de Estudos Diferenças, Educação, Gênero e Sexualidades (NUDES). E-mail: ivanamaro.uerj@gmail.com

⁴ Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDUC) e da graduação em Pedagogia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). É líder do LEGESEX - Laboratório de Estudos de Gênero, Educação e Sexualidades (UFRRJ/CNPq). E-mail: ufrjonas@gmail.com



professores e profissionais da saúde (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020), além de ajudar na propagação de *fake news*, agravando ainda mais o cenário pandêmico brasileiro (TEIXEIRA; COUTO JUNIOR; BRITO, 2021). Tampouco podemos desconsiderar que os primeiros dois anos da pandemia fez com que as chamadas minorias sociais experienciassem situações de maior vulnerabilidade, aspecto que é inegável quando olhamos para os cortes no setor público e a falta de políticas de enfrentamento ao novo coronavírus (MADDALENA; COUTO JUNIOR; TEIXEIRA, 2020).

O impacto socioeconômico do novo coronavírus trouxe implicações diversas em variadas áreas da vida. Quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomendou o chamado isolamento físico em 2020, entendeu-se que esse isolamento não poderia ser cumprido por todas as pessoas e que tal questão apresentaria ainda mais desafios para a situação de vulnerabilidade que as chamadas minorias sexuais e de gênero já enfrentavam antes da pandemia, principalmente em países como o Brasil. Em meio ao caos, há muitas narrativas que merecem ser contadas/teorizadas/analizadas e que envolvem o atravessamento das questões de gênero e sexualidade.

Como um exemplo dessa afirmativa, a pesquisa intitulada *O trabalho e a vida das mulheres na pandemia*⁵, realizada pelas organizações Gênero e Número e pela Sempre Viva Organização feminista (SOF), buscou conhecer as dimensões do trabalho e da vida das mulheres durante a pandemia. Entre alguns de seus resultados, constatou-se: 50% das mulheres brasileiras passaram a cuidar de alguém na pandemia; 41% das mulheres que seguiram trabalhando durante a pandemia com manutenção de salários afirmaram trabalhar mais na quarentena; e 8,4% afirmaram ter sofrido algum tipo de violência no período de isolamento. Todos esses dados são potencializados quando o marcador raça é mobilizado entre as respondentes. Entre a população LGBTQ+, o relatório de pesquisa de nome *Diagnóstico LGBTQ+ na pandemia*⁶, publicado pelo coletivo #VoteLGBT, destacou três impactos da pandemia na

⁵ Sem parar. O trabalho e a vida das mulheres na pandemia. Disponível em: <<https://bit.ly/3vctJug>>. Acesso em: 14 abr. 2022.

⁶ Diagnóstico LGBTQ+ na pandemia. Disponível em: <<https://bit.ly/3M59V2H>>. Acesso em: 14 abr. 2022.



população LGBT+ em 2021: agravamento da vulnerabilidade financeira; piora da saúde mental e afastamento da rede de apoio; e insatisfação acentuada com as políticas governamentais.

Nesse contexto, a precarização da existência de mulheres e de pessoas LGBT+ na pandemia no Brasil se potencializou por meio das reconfigurações do sexismo e da LGBTfobia em contextos de isolamento físico, além da inexistência de ações e políticas públicas que focalizassem condições básicas de vida para esses sujeitos – situação que já era impetrada pelo governo federal antes da pandemia. Como aponta a teórica feminista Judith Butler, as formas diferenciais de distribuição da vulnerabilidade implicam a violência arbitrária direcionada a certos sujeitos que são socialmente regulados e enquadrados em condições sociais e políticas normativas, isto é, a condição de precariedade de uma vida pode ser atribuída facilmente às questões de gênero e sexualidade (BUTLER, 2019), sobretudo se levarmos em consideração o contexto conservador que (ainda) vivemos no país.

Dessa forma, o dossiê apresenta trabalhos que fornecem um panorama sobre a pandemia vivida no Brasil e sua articulação com os temas gênero e sexualidade. Abrimos esse dossiê com artigos que discutiram as vivências de mulheres e das feminilidades na pandemia. O texto **(Ciber)ativismos e lugares de existência social: vozes plurais no combate à violência contra a mulher**, de Renata Cristiane Martins Coronel, Iracema Cristina Fernandes da Silva e Terezinha Fernandes Fernandes, traz o resultado de um projeto de extensão realizado para estudantes do curso de pedagogia (modalidade à distância) da Universidade Federal de Mato Grosso. Como resultado, as autoras reconhecem as potencialidades dos encontros on-line na mobilização e engajamento das estudantes no que se refere ao enfrentamento da violência contra as mulheres.

Em **Conversas sobre feminilidades na pandemia: práticas pedagógicas antissexistas a partir da série “Confissões de Adolescente”**, Ivan Amaro, Vanessa Soares Matos e Lyzia Toscano da Silva apresentam análises realizadas sobre os sentidos de feminilidades produzidos por estudantes de uma escola pública localizada na cidade do Rio de Janeiro. A série “Confissões de Adolescente” (1994) forneceu entradas de problematização que puderam desconstruir a noção essencializada do “ser mulher” e (re)significá-la em sentidos plurais, contribuindo para a promoção de práticas pedagógicas antissexistas e antimachistas.



Amanda Caroline Generoso Meneguetti e Grazielly Alessandra Baggenstoss, em **A tardia e fragmentada atuação do estado brasileiro no combate à violência contra as mulheres em período pandêmico**, investigaram a violência doméstica e as relações de gênero durante a pandemia. De acordo com as autoras, o cenário pandêmico trouxe à tona violências já sentidas e vivenciadas pelas mulheres, mas que se intensificaram nesse período por razões diversas; dessa forma, cabe um olhar consciente e sensível que possa avaliar esse contexto, considerando ainda a importância de que se combata os casos de violência no âmbito doméstico.

O artigo **Dificuldade no acesso e uso das redes de apoio e atendimento à mulheres durante a pandemia da COVID-19**, de Carolina da Silva Santos e Gabriel Siqueira Corrêa, abordam a espacialidade vivida por mulheres que sofrem violência de gênero no município de São Gonçalo. A autora e o autor destacam como principal resultado a distância e falta de articulação entre os locais de atendimento e apoio, que dificultam o acesso dessas mulheres na efetivação de denúncias de violência.

Hadassa Guimarães Oliveira e Jorge Domingos Carapinha Veríssimo, no texto **A relação “pandemia” e “cuidados com a beleza”: uma reflexão sobre o comentário da jornalista ainsley earhardt no programa “FOX & Friends” e sua repercussão na Opinião Pública**, discutem as prioridades e necessidades básicas humanas envolvendo o bem-estar e a saúde em tempos de pandemia. Para isso, analisam o comentário da jornalista norte-americana Ainsley Earhardt, que causou certo desconforto entre internautas e telespectadoras/es.

Na sequência, os artigos tiveram como focalização as questões LGBTQ+ no contexto pandêmico. **O incômodo das “letrinhas”: fluxos e contrafluxos do debate sobre gênero e sexualidade no ensino remoto emergencial**, de Francisco Vieira da Silva, focaliza as discussões em torno do caso de um estudante de uma escola pública do interior de São Paulo hostilizado no WhatsApp ao sugerir que a temática LGBTQIA+ fosse trabalhada em sala de aula. O autor aponta que a hostilidade sofrida pelo sujeito durante as atividades do ensino remoto situa-se no contexto do avanço do conservadorismo no campo político, alertando para a necessidade de que estratégias de resistência sejam adotadas no trabalho com gênero e sexualidade no cotidiano escolar.



Buscando conhecer práticas de namoro/“pegação” de homens *gays* que utilizam o aplicativo Grindr, o texto **“Isso já passou, tá geral se pegando já”**: investigando os usos do Grindr em tempos de pandemia, de autoria de Ruann Moutinho Ruani, Marcelle Medeiros Teixeira e Dilton Ribeiro Couto Junior, apostam na conversa como procedimento metodológico para interagir no WhatsApp com os participantes do estudo. O trabalho evidenciou que muitos dos sujeitos fizeram uso do aplicativo para marcar encontros com outros homens durante a pandemia, mesmo com o risco de contaminarem e serem contaminados pelo novo coronavírus.

Sobre o tema da masculinidade, Leandro Teofilo de Brito, no texto **“Enfrentar o vírus como homem e não como moleque”**: quando a masculinidade tóxica se torna genocida, problematiza sentidos da masculinidade em discursos proferidos pelo presidente brasileiro em tempos de pandemia. Com isso, o autor destaca os efeitos performativos desses discursos, que contribuíram com a legitimação da masculinidade tóxica, levando à necessidade de que o campo educacional questione a produção desses discursos.

Partindo da memória de alguns achados de pesquisa de mestrado, o texto **O gênero praticado com as crianças: perspectivas para uma educação do porvir**, de Bruno Costa Lima Rossato, enaltece a constituição performativa do gênero na infância, alertando para a importância de reconhecer a criança como produtora de subjetividade e que se encontra em processo de (re)criação permanente. Embora as normas regulatórias atravessem a vida cotidiana das crianças, muita coisa transborda as fronteiras do instituído, o que é primordial para vislumbrarmos uma educação do porvir.

Fabília Carla Viviani e Ana Paula Macedo Cartapatti Kaimoti retomam a discussão sobre as vivências de mulheres na pandemia com o relato de experiência **Fazer pesquisa e se fazer: a caminhada de alunas-pesquisadoras na pandemia**. As autoras narram a realização do projeto de pesquisa “As desventuras de Deméter: escola e desigualdade de gênero” (Instituto Federal de Mato Grosso do Sul/campus Ponta Porã). O projeto, que contou com a participação de sete estudantes bolsistas, constituiu-se como um importante espaço de aquisição de novos saberes em um contexto particularmente desafiador de agravamento da desigualdade de gênero impulsionado pela pandemia.



Fechando a edição, temos a seção de “Resumos de Teses e Dissertações”, contendo o resumo do trabalho de Doutorado de Cristiano Sant’Anna de Medeiros, intitulado **#Diferença: pensando com imagens compartilhadas dentrofora da escola**. A tese, produzida no curso de Doutorado do ProPEd/UERJ, apresentou como proposta pensar com imagens compartilhadas por estudantes as noções de diferença tecidas com essa prática em suas articulações com as narrativas que engendraram. Os participantes da pesquisa foram estudantes do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. As imagens compartilhadas e acompanhadas de suas narrativas/análises forneceram pistas para pensar em ideias de diferença que circulam através das múltiplas redes educativas.

Desejamos a todas/os uma ótima leitura!

REFERÊNCIAS

AMARO, Ivan; MATOS, Vanessa Soares; e SILVA, Lyzia Toscano da. CONVERSAS SOBRE FEMINILIDADES NA PANDEMIA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ANTISSEXISTAS A PARTIR DA SÉRIE “CONFISSÕES DE ADOLESCENTE”. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 6, n. 2, jan.-abr., 2022, p. 41-68.

BRITO, Leandro Teofilo de. “ENFRENTAR O VÍRUS COMO HOMEM E NÃO COMO MOLEQUE”: QUANDO A MASCULINIDADE TÓXICA SE TORNA GENOCIDA. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 6, n. 2, jan.-abr., 2022, p. 150-162.

BUTLER, Judith. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

CORONEL, Renata Cristiane Martins; SILVA, Iracema Cristina Fernandes da; e FERNANDES, Terezinha Fernandes. (CIBER)ATIVISMOS E LUGARES DE EXISTÊNCIA SOCIAL: VOZES PLURAIS NO COMBATE À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 6, n. 2, jan.-abr., 2022, p. 19-40.

COUTO, Edvaldo; COUTO, Edilece Souza; CRUZ, Ingrid de Magalhães Porto. #Fiqueemcasa: educação na pandemia da COVID-19. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 200-217, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/35ZS4X8>>. Acesso: 15 maio 2020.



MADDALENA, Tania Lucía; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; TEIXEIRA, Marcelle Medeiros. O que dizem os memes da educação na pandemia? Dilemas e possibilidades formativas. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 5, n. 16, p. 1518-1534, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/37WedIs>>. Acesso em: 29 dez. 2020.

MEDEIROS, Cristiano Sant'Anna de. #DIFERENÇA: PENSANDO COM IMAGENS COMPARTILHADAS DENTROFORA DA ESCOLA. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 6, n. 2, jan.-abr., 2022, p. 198-199.

MENEGUETTI, Amanda Caroline Generoso; e BAGGENSTOSS, Grazielly Alessandra. A TARDIA E FRAGMENTADA ATUAÇÃO DO ESTADO BRASILEIRO NO COMBATE À VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES EM PERÍODO PANDÊMICO. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 6, n. 2, jan.-abr., 2022, p. 69-85.

OLIVEIRA, Hadassa Guimarães; e VERÍSSIMO, Jorge Domingos Carapinha. A RELAÇÃO “PANDEMIA” E “CUIDADOS COM A BELEZA”: UMA REFLEXÃO SOBRE O COMENTÁRIO DA JORNALISTA AINSLEY EARHARDT NO PROGRAMA “FOX & FRIENDS” E SUA REPERCUSSÃO NA OPINIÃO PÚBLICA. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 6, n. 2, jan.-abr., 2022, p. 102-116.

ROSSATO, Bruno Costa Lima. O GÊNERO PRATICADO COM AS CRIANÇAS: PERSPECTIVAS PARA UMA EDUCAÇÃO DO PORVIR. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 6, n. 2, jan.-abr., 2022, p. 163-179.

RUANI, Ruann Moutinho; TEIXEIRA, Marcelle Medeiros; e COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. “ISSO JÁ PASSOU, TÁ GERAL SE PEGANDO JÁ”: INVESTIGANDO OS USOS DO GRINDR EM TEMPOS DE PANDEMIA. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 6, n. 2, jan.-abr., 2022, p. 134-149.

SANTOS, Carolina da Silva; e CORRÊA, Gabriel Siqueira. DIFICULDADE NO ACESSO E USO DAS REDES DE APOIO E ATENDIMENTO À MULHER DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 6, n. 2, jan.-abr., 2022, p. 86-101.

SILVA, Francisco Vieira da. O INCÔMODO DAS “LETRINHAS”: FLUXOS E CONTRAFLUXOS DO DEBATE SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 6, n. 2, jan.-abr., 2022, p. 117-133.

TEIXEIRA, Marcelle Medeiros; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; BRITO, Leandro Teofilo de. Nem tudo que reluz é ouro: discutindo memes e *fake news* em tempos de pandemia. **Comunicologia**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 81-101, jan./jun. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3IE462k>>. Acesso em: 7 ago. 2021.



VIVIANI, Fabrícia Carla; e KAIMOTI, Ana Paula Macedo Cartapatti. “FAZER PESQUISA E SE FAZER: A CAMINHADA DE ALUNAS-PESQUISADORAS NA PANDEMIA. **Revista Docência e Ciberultura**, v. 6, n. 2, jan.-abr., 2022, p. 180-197.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.